

Poemas de Maria Helena Nery Garcez

AI, SE EU ESCUTASSE O QUE MAMÃE
DIZIA!

Por uma pitada de bom humor
aparelhei as caravelas
para as Índias Orientais.
Chegando lá, porém, só encontrei
pilhas de artigos digitais.
Por espias contratados soube então
que bom humor só se encontrava
nas terras do Preste João
Todavia
em seu reino só havia
pimentas, sedas, noz moscada.
Bom humor mesmo, que era bom,
nada.
Fui a Sagres em busca do Infante
que me enviou ao Cabo Canaveral,
hoje Kennedy por sinal.
Mas
bom humor era coisa que não entrava
no programa espacial.
Fui, então, atender à campainha,
lavei quilos de roupa,
esfreguei o meu quintal.
Quando à noite me assentei
- exausta -
à porta da cozinha,
vi piscos de bom humor
nos ciscos das estrelinhas.

FILOSOFIA

Que faz a filosofia senão dar murros em
 ponta de faca?
 Roubou-me a carteira com as fotos antigas:
 pai, mãe, tios ancestrais.
 Que terá feito dos restos dos meus?
 Atirou-os - de certo - algures,
 sem ao menos um olhar...
 Em que pensariam os meus, por ocasião das
 fotos?
 Certamente não se imaginariam embarcados,
 subtraídos a uma descendente incauta,
 descartados num lixo yankee.
 O que faria arder a alma de meu pai?
 transcender os 3 x 4?
 Em que dia a severidade dos tios lhes
 permitiu
 o luxo de uma foto?
 Que sonhos nos olhos de minha mãe!
 E cá estou eu agora,
 feito um bezerro desmamado,
 nas latitudes lisboetas de um quarto da Baixa
 em tarde de chuva e sol,
 de saudosa e vã nostalgia.

Tenho reumatismo nos pensamentos!

POOR ELISE!

Desde que Pour Élise virou pregão
 urge desagrar! Ó Beethoven!
 Ó céus! Ó canção! O mercado
 pesa tanto e a arte é tão leve!
 Patética musa dos botijões,
 Élise vende gás do cimo dos caminhões.